

## **BILINGUISMO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Daniela Oliveira Vidal da Silva\*  
(UESC)

Vanessa Mutti de Carvalho Miranda\*\*  
(UESC)

### **RESUMO**

A proposta deste Resumo expandido é analisar, através de pesquisa bibliográfica, alguns aspectos referentes à educação de alunos surdos. A partir de considerações a cerca do reconhecimento do povo surdo, como grupo social detentor de língua e cultura próprias, será apresentado um breve histórico e posteriormente, uma avaliação de diferentes métodos utilizados na educação desse sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biculturalismo. Bilinguismo. Educação e Surdos.

### **INTRODUÇÃO**

Para se compreender a história da educação dos surdos no Brasil é preciso buscar mais que elementos próprios à educação. É imprescindível refletir sobre aspectos históricos, filosóficos e socioantropológicos.

Desde a antiguidade e por toda idade média os surdos eram considerados pessoas deficientes, por isso não podiam ser educados e viviam à margem da sociedade. A partir dos séculos XVIII e XIX, com

alunos deficientes. Nessa nova perspectiva clínico-terapêutica o surdo era visto como um não ouvinte (SACKS, 1998. p 27).

Acreditava-se que emprego da linguagem oral era o método mais eficaz para se alcançar a inserção do adulto surdo no meio social e para se atingir o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda. Enquanto a linguagem de sinais e o alfabeto digital eram utilizados informalmente entre os surdos.

Desde o Congresso Mundial para Professores de Surdos, em Milão, em 1880, a concepção oralista dominou a educação de surdos. Nele ficou determinado que os surdos fossem ensinados pelo Método Oral Puro, ou seja, deveriam ser oralizados para serem inseridos na sociedade, mercado de trabalho, etc. Enquanto as línguas de sinais foram banidas das escolas, como expõem Perlin e Strobel (2009. p. 31): “A modalidade oralista baseia-se na crença de que é a única forma desejável de comunicação para o sujeito surdo, e a língua de sinais deve ser evitada a todo custo porque atrapalha o desenvolvimento da oralização”.

Durante o século XX o movimento surdo foi abafado e silenciado pela imposição dos métodos ouvintistas<sup>1</sup>, que além de serem penosos e incoerentes com a capacidade natural viso-espacial, dificultavam a comunicação entre esses sujeitos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **ATUAIS POSSIBILIDADES DE ENSINO PARA ALUNOS SURDOS**

Existiram e ainda existem muitos métodos orais na educação de

da leitura labial, treinamento da fala, treinamento auditivo e uso de próteses otofônicas (PERLIN, STROBEL. 2006).

A partir de 1960, após o fracasso do Oralismo e com a publicação do artigo de Willian Stokoe que demonstrou que a Língua Americana de Sinais é uma língua com todas as características das línguas orais, o movimento surdo voltou a ser fortalecido e as linguais de sinais valorizadas, conforme aponta Paulo Machado (2008. p. 61): “Os estudos de Stokoe sobre a língua de sinais, tanto no que se refere a sua estruturação interna quanto a sua gramática, provaram que ela tinha um valor linguístico semelhante às línguas orais e que cumpria as mesmas funções, permitindo ao surdo se expressar em qualquer nível de abstração”.

Com o reconhecimento das línguas de sinais e, conseqüentemente, a incorporação como tema de estudo para a Linguística, Psicologia, Antropologia e Sociologia, os professores e pesquisadores começaram a estudar métodos mistos, com características orais, porém usando também recursos visuais, amplificação, língua escrita e sinais. E em 1968 inicia-se nas escolas a filosofia da Comunicação Total, conforme descreve Skliar: (1998. p. 53): “O surgimento da comunicação total no final da década de 1960 e começos da década de 1970 [...] estabeleceu uma nova ordem nas escolas, deteriorando as férreas barreiras do logocentrismo na educação dos surdos e privilegiando a comunicação, qualquer forma de comunicação, acima de qualquer outro objetivo”.

A Comunicação Total tem mérito de fortalecer e propagar o uso das línguas de sinais, mas é criticada pelo fato de na prática expressar o uso simultâneo da língua oral escrita e da língua sinalizada, surgindo

conceito socioantropológico, assumindo a surdez como um fator que o diferencia da maioria. Nesse novo paradigma a diferença linguística lhe proporcionará edificar identidade e cultura próprias, como afirma Machado (2008. p. 67): “[...] na proposta de Educação Bilíngue construída com a comunidade surda, o surdo não almeja essa adequação [refere-se à adequação ao padrão ouvinte], pois, como parte de uma minoria linguística, ele assume sua a surdez como diferença histórica e cultural”

Skliar distingue criticamente quatro vertentes de bilinguismo: metodológico, linguístico, psicolinguístico e pedagógico.

O bilinguismo metodológico seria uma proposta de bilinguismo emergencial. Apesar de ter surgido como um método para substituir a Comunicação Total, este bilinguismo estava impregnado com a visão oralista, pois por falta de embasamento e pesquisas, as escolas continuavam a conceber esses alunos dentro da escala de deficiência e os incluíam nos métodos que melhor se adequassem. Skliar (1998. p. 53): “o que devia ser uma transição para a autonomia linguística dos surdos acabou sendo uma escolha consciente e exclusiva dos ouvintes, e em certa medida uma escolha contra as necessidades sociolinguísticas e psicolinguísticas dos surdos. Em síntese, um novo esqueleto comunicativo para os ouvintes, mas não um instrumento cultural significativo para os surdos”.

O bilinguismo linguístico e psicolinguísticos permitiram o completo acesso a língua de sinais, à língua escrita e parcial á língua oral. O primeiro sistematiza as semelhanças entre as duas línguas, possibilitando o real conhecimento e aprendizado, no que tange vínculos léxicos, semânticos e sintáticos. O segundo prioriza e introduz

implicações quanto grupos que possuem cultura e identidade próprias, terminologia linguística e desenvolvimento cognitivo específicos. “Essa variedade educativa, que não conspira contra si mesma, nem constitui um perigo, obriga e merece uma generosa reflexão sobre a política educativa para surdos e sobre os mecanismos de gestão, avaliação e acompanhamento das escolas bilíngues” (Skliar, 1998. p. 54).

O bilinguismo pedagógico vai além das demais concepções de bilinguismos e de educação para surdos. Pois reconhece a diferença linguística e cultural do surdo, questionando sua alteridade dentro do processo escolar tradicional. Segundo Skliar, o uso do termo bilinguismo adequado e assinalado pelos surdos deveria transcender quaisquer prática ou método existente, deveria envolver uma pedagogia própria do povo surdo<sup>2</sup>. Deveria repensar junto à comunidade surda os componentes constitutivos de sua educação; garantir um currículo escolar que contemple a história, o movimento do povo surdo e considere suas particularidades cognitivas; garantir a condição sociolinguística (sobre tudo nas escolas sendo o processo de mediação escolar feita através do professor surdo); escolher qual a modalidade de segunda língua, como aprendê-la e em que momento ou idade.

As comunidades surdas que discutem esse tema defendem o bilinguismo com o objetivo primordial de ser reconhecido o direito à aquisição da língua de sinais e para que possam participar, com sua própria língua, dos debates que acontecem no cenário educacional, cultural, sociológicos, etc. Essa proposta permite que a educação dos surdos seja parametrizada ao modo de pensar, de aprender, de compreender, e sobre tudo, a forma de ver o mundo próprio desse povo, própria de sua cultura

próprios de cada comunidade. A educação bilíngue deve impulsionar a construção de modelos pedagógicos significativos, alicerçados na identidade e saberes surdos, para que se propicie não só uma mudança bilíngue, mas bicultural dos surdos, engendrando uma mudança de *status* e de valores da cultura surda para além dos muros das escolas. Essa proposta deve traçar e alcançar um patamar de conceitos e temas culturais que permitam o acesso real à informação por parte do povo surdo e assim gerar sua plena participação e discussão no cenário nacional.

## CONCLUSÃO

Portanto, a proposta bilíngue não pode ser vista como um ponto de chegada, mas como um ponto de partida para novas propostas e reivindicações educacionais, políticas, linguísticas e culturais do povo surdo, pelo povo surdo.

Reconhecer o bilinguismo é transcender às questões linguísticas e culturais, é abranger o campo político e sociológico, através da afirmação dos surdos como grupo social. Foi por meio desse reconhecimento que o movimento surdo passou a exigir que a língua de sinais seja a língua de instrução, que o processo de ensino aprendizagem seja mediado por professores surdos e que sejam contempladas as formas de organizar o pensamento e a linguagem próprios da base viso-espacial. Entretanto, é preciso considerar que cada realidade apresenta características próprias. O movimento surdo no Brasil apresenta diferentes níveis e conquistas, percebe-se claramente as ações e reivindicações das comunidades surdas, principalmente de

## REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Eulália (Org.). **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **O surdo e a história de sua educação** <[http://www.ines.gov.br/ines\\_livros/31/31\\_PRINCIPAL.HTM](http://www.ines.gov.br/ines_livros/31/31_PRINCIPAL.HTM)> Acesso em 18 de Jan. 2009.
- MACHADO, Paulo Cesar. **A Política de Integração/Inclusão: Um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes - uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKLIAR, Carlos. (Org.). **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- SKLIAR, Carlos. **Bilinguismo e Biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação de surdos**. In Revista Brasileira de Educação. Trabalho apresentado na XX Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1997.
- STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.